



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DE AMANDA OLIVEIRA E NAYARA JINKNSS¹

Myrlla Raffene dos Anjos²
Rostand de Albuquerque Melo³
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

O presente artigo propõe reflexões sobre raça e representação (HOOKS, 2021) no fotojornalismo, tendo como método a análise descritiva de 2 fotos, de autoria das fotojornalistas Amanda Oliveira e Nayara Jinknss. A pesquisa demonstra a importância do trabalho das fotojornalistas na desconstrução de estereótipos racistas, e relaciona as obras com definições de empoderamento (BERTH, 2020), e a democratização de histórias (ADICHIE, 2009). Também levanta questões sobre a centralização e restrição nos discursos e produções (MAMANA, 2020), e propõe alternativas à descentralização de discursos. A investigação observa a presença de mulheres negras no fotojornalismo, e sua influência para narrativas plurais e para a redução de preconceitos na fotografia.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo. Fotografia Documental. Identidade Negra. Representatividade.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar a relação entre fotojornalismo e identidade negra, levando em conta a importância da fotografia enquanto ferramenta de difusão de informações e construção de identidades, considerando o respeito às diversas manifestações culturais, sociais e estéticas. Partindo da análise de 2 (duas) fotografias, produzidas pelas fotojornalistas negras Amanda Oliveira e Nayara Jinknss, para compreendê-las enquanto ferramentas de reconhecimento e fortalecimento da identidade cultural das populações negras, com ênfase para as narrativas contemporâneas de populações periféricas, em cidades das regiões Norte e Nordeste.

¹ Trabalho apresentado no GT-1 "Fotografia documental".

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); e-mail: myrllaraf@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: rostand@servidor.uepb.edu.br



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



Além disso, pretende analisar a dimensão do fotojornalismo como catalisador dos processos de reconhecimento e valorização das manifestações que compõem a cultura afro-brasileira. Levando em conta o reconhecimento dessas profissionais e de seus trabalhos enquanto produção jornalística e manifestação artística, que se contrapõem às narrativas estereotipadas e/ou preconceituosas, fortalecedoras do Racismo Estrutural (ALMEIDA, 2019).

Vale salientar, ainda, a relevância do trabalho das fotojornalistas citadas para desenvolvimento de narrativas sobre as suas realidades, o que ajuda a contrapor o apagamento histórico sofrido por minorias no contexto brasileiro, como as mulheres e a população negra. Amanda e Nayara se tornam, então, referência na produção de narrativas, e tomam para si parte do protagonismo de contar a história de um grupo a partir de um olhar muito específico: o de quem também faz parte dele. Há uma mudança em relação ao ponto de vista a partir do qual são construídas as narrativas visuais sobre os grupos minorizados, apresentando um olhar “de dentro”, refletindo os modos de pensar e agir daquela comunidade.

Fotografias estão especialmente sujeitas a esse tipo de julgamento quando representam membros de grupos sociais ou étnicos diferentes. Essas imagens revelam mais sobre a perspectiva ou visão de mundo do fotógrafo do que sobre a própria pessoa diante da lente. (HACKING, 2018. p. 356).

Também estão propostas reflexões sobre a relação entre raça e representatividade, na fotografia e no fotojornalismo; a análise parcial da importância histórica do papel do fotojornalismo enquanto ferramenta de poder, reflexão, e mudança social; e a percepção de como obras de fotógrafas negras e de origem periférica pode influenciar no empoderamento de pessoas negras, como demonstração da influência do uso de referências negras e da valorização de manifestações afro-brasileiras no processo de autopercepção e



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



representatividade positivas, para a população preta, dialogando com o conceito de Autodefinição (HOOKS, 2019).

Consideramos que a construção de um referencial com nomes e rostos negros é fundamental para o processo de reconhecimento da população preta, enquanto figuras importantes e representativas, e que ocupam um espaço que historicamente lhes foi negado. Assumir o controle sobre a produção de narrativas sobre si é um elemento importante no caminho de quebrar o silenciamento imposto ao povo negro no contexto brasileiro. Sendo ferramenta importante para a composição de imagens positivas a respeito da identidade negra, e rompendo com ideais racistas.

A participação no projeto de extensão Luz Negra⁴, desenvolvido no curso de graduação em Jornalismo da UEPB, tornou possível o acesso a um número maior e mais diversificado de referências negras, criando reflexões sobre pertencimento, negritude, e outras questões que influenciam nos processos formativos, referentes às questões étnico-raciais. Foi nesse espaço onde eu me reconheci enquanto mulher negra e, ao ter acesso a representatividades positivas e empoderadoras, vi que eu também poderia ter poder e autonomia - e fui incentivada a isso ao longo das atividades.

Também foi possível notar como a relação entre raça e representação influencia na autoestima, no desenvolvimento social e psicológico de crianças e jovens negros, e como o acesso a essas referências tem o poder de reformular o olhar que cada um possui sobre si e sobre o mundo. Essa representatividade positiva ajuda a pensar em uma comunicação plural, inclusiva, e que integra diferentes corpos e narrativas.

2. FOTOJORNALISMO E FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

⁴ Disponível em <https://medium.com/luznegra/about> . Acesso em: 11 de jul de 2022.



**V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022**



O termo Fotografia, traduzido do grego, possui um sentido próximo a “escrever com a luz” - photo: luz e grafia: escrever (SOUSA, 2004). O que enfatiza a relação da fotografia com a luz e com os processos técnicos que envolvem a produção de fotos, tendo como exemplo sensibilidade, criatividade, e prática. Fotografar inclui arte e trabalho técnico, e as imagens vão de lembranças familiares a ferramentas políticas, compondo uma série de conteúdos, de vários tipos.

A produção de uma fotografia não finda em si mesma. Para além de capturar um instante ela tem o poder de eternizá-lo, ao mesmo passo que confere importância aos elementos e pessoas presentes no quadro. O contrário também é válido, visto que a escolha por não enquadrar algo é caminho para um recorte específico da história, que vai ou não ser não contada. A fotografia também é desenvolvida a partir de recortes de gênero e estilo, que estão baseados em conceitos técnicos, estéticos e informativos, e dentre os quais destacaremos o Fotojornalismo.

Partindo da premissa de que a fotografia conta e escreve histórias, com luz, técnica e criatividade, o fotojornalismo, por sua vez, retira essas mesmas produções do campo privado, e leva um pouco adiante: essas imagens ganham maior alcance, e chegam à esfera pública assumindo “caráter informativo, histórico e social.” (BOROSKI, 2020). A linguagem fotojornalística tende a ser desenvolvida de modo que a imagem possua um “peso” informativo maior se comparada a outros elementos.

Nesse espaço, a fotografia é a protagonista; embora também possua o suporte de outros componentes, que colaboram para a sua compreensão. Para tanto, são utilizados elementos textuais - para referenciar, descrever, e detalhar informações; e elementos técnicos, que partem da linguagem fotográfica e fortalecem a estrutura semiótica das informações transmitidas, como enquadramento e composição.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



A foto jornalística está vinculada a valores informativos e/ou opinativos, e à veiculação num órgão dotado de periodicidade. A relevância social e política, a relação com a atualidade e um caráter noticioso também ajudam a classificar esse tipo de foto. Do mesmo modo, o instantâneo costuma agregar qualidade informativa. (BUITONI, 2011. p. 90).

O Fotojornalismo também se subdivide em gêneros, levando em conta a relação entre a forma como foram produzidos e o público alvo que provavelmente irão alcançar. Dentre eles destacaremos o Gênero Documental.

A fotografia documental tende a ser desenvolvida de maneira mais profunda que a maioria dos gêneros fotojornalísticos. Uma característica comum às produções de fotógrafos desse estilo é a linha tênue entre a objetividade e a subjetividade, com a tendência de que o profissional busque “mergulhar fundo no tema que deseja documentar” (ELIAS, 2020, p. 05); o que resulta em trabalhos com um forte apelo social a partir de imagens atemporais, que suscitam emoções e reflexões específicas, a respeito de um determinado assunto.

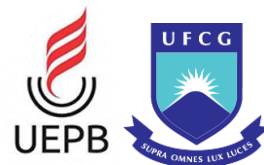
A construção de significados é desenvolvida a partir dos sentidos atribuídos à composição visual obtida através das lentes. O desenvolvimento dessa amplitude torna-se, então, mais consistente quando a ela são atribuídos experiências e reflexões, corroborando com o que MACHADO (2002)⁵ considera como “(...) um discurso sensível sobre o mundo”. É importante, contudo, refletir sobre de que forma o mundo dessas pessoas está sendo representado.

Visto que há uma centralização na maneira como as histórias são contadas, onde as minorias sociais viram pauta de muitos fotojornalistas, inclusive em situações de denúncia ou em contextos de vulnerabilidade. Contudo, elas também são minorias quando pensamos sobre quem está por trás das lentes, contando essas histórias. Há certa urgência em refletir a respeito de como o discurso sobre esses grupos segue institucionalizado nas mãos de

⁵ Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/o-filme-ensaio/>>. Acesso em: 17 jul. 2022.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



quem, muitas vezes, não faz parte deles, e que conta essas histórias de um ponto de vista em partes apartado da realidade retratada.

Desse modo, há a necessidade de repensar as representações desses discursos imagéticos, e as reações disso na esfera pública: se fomentam ou não as desigualdades e a manutenção de poder de um grupo em detrimento de outros, como comenta Galard:

Interrogar-se sobre a legitimidade do olhar preso a uma imagem, preocupar-se com a legitimidade de sua 'apreciação', é achar-se estimulado a avaliar os poderes, as virtudes, os eventuais danos, a possível indignidade da atenção estética. É obrigar-se a mensurar a validade desse olhar e dessa atitude fora do campo estritamente artístico (...). (GALARD, 2012, P. 16).

Além disso, faz-se necessário descentralizar as referências e popularizar as produções; incentivar a diversidade nas equipes responsáveis pelas histórias que são e serão contadas. Descentralizar esse lugar de referência é diversificar o olhar e a construção de narrativas, tornando a fotografia mais plural e democrática, e possibilitando que todos contem sobre suas realidades, como defende o manifesto da Mamana Coletiva, intitulado "Manifesto contra referências gigantes na fotografia" (MAMANA, 2020)⁶:

Até hoje, as populações originárias e tradicionais, os corpos negros, as mulheres, corpos com deficiência, gordos, LGBTQIa+ estiveram, majoritariamente, a frente das câmeras como alvo e não como corpo pensante e parte dessas narrativas. Foram marginalizados, sofreram com o apagamento e o abuso de uma profissão essencialmente colonialista, machista, misógina e hegemonicamente protagonizada por homens brancos e de classe média/alta. Homens esses que ocupam e protagonizam histórias a partir de suas percepções, do olhar desbravador - a salvação sobre um lugar, um corpo, uma raça, um gênero desde sua origem.

⁶ Disponível em: <<https://mamanacoletiva.myportfolio.com/manifesto>> Acesso em: 28 de maio de 2022.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



Nesse sentido, a discussão vai além da ideia de conferir visibilidade ao povo negro, enquanto personagens das narrativas visuais, mas conferir protagonismo e autonomia, permitindo que se apropriem da linguagem fotográfica, entre outras tantas formas de expressão artística, para assumirem a escrita da própria história e conduzam o processo de construção e difusão de representações sociais sobre o próprio cotidiano.

3. FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA

O rosto predominante por trás das lentes é o de fotógrafos homens. Em 2018, as mulheres representavam cerca de 15% dos fotojornalistas em atividade, de acordo com uma pesquisa realizada pela plataforma *Women Photograph*⁷. Esse número fica menor ao levarmos em conta a quantidade de profissionais que fazem parte de alguma outra minoria social, como as mulheres não-brancas.

A entidade fez um levantamento sobre a identidade dos autores de fotografias publicadas em 2018 nas páginas principais em oito veículos de comunicação de abrangência internacional; quando o recorte é feito especificamente com mulheres negras, são apenas 115 fotografias, totalizando só 4% do total⁸.

Uma alternativa usual para reparar a falta de incentivo ao trabalho dessas profissionais, em contraposição aos entraves com os quais muitas fotojornalistas lidam, tem sido a união e mobilização de mulheres e outros grupos sociais para

⁷ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/opinion/1546266865_425649.html>. Acessado em 08 de junho de 2022.

⁸ Disponível em: <<https://www.womenphotograph.com/data>>. Acesso em: 18 de julho de 2022.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



a criação de coletivos e iniciativas de suporte às fotógrafas, como sugere ALCAIDE (2017, P. 131); tendo como exemplo o Mamana Coletiva. A iniciativa, criada em 2016, é um espaço de fomento ao trabalho de fotojornalistas mulheres, e possui, entre outras pautas, a descentralização de referências e o acesso democrático à produção de fotografias no Brasil. Incentiva a produção de imagens, a criação de ensaios, exposições e outras manifestações, e conta com fotógrafas como Amanda Oliveira e Nayara Jinknss. Os trabalhos das duas fotógrafas citadas constituem o recorte de análise deste artigo.

Amanda Oliveira é Cientista Social e Fotógrafa, formada pela Universidade Jorge Amado (Unijorge). Com atuação em Salvador, é fotojornalista e possui trabalhos nas áreas de fotografia de rua e documental. Pesquisa e produz fotografias sobre a cultura afro-brasileira, como as da exposição “Ibeji Eró” apresentada como um “ensaio composto por 25 imagens de crianças negras, realizadas em diversas localidades do Nordeste e divididas em quatro eixos centrais (rua, futebol, mar e cultura popular)”.

Nayara Jinknss é educadora social e fotojornalista documental, baseada em Ananindeua, município da região metropolitana de Belém (PA). Fotógrafa há 13 anos, é formada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia (Unama) e pesquisadora em artes visuais, com foco em Negritude Amazônica e Narrativas Decoloniais. Além disso, foi indicada ao *World Press Photo*, uma das mais importantes premiações internacionais de fotojornalismo, e é uma das vencedoras do *reality show* Arte na Fotografia, exibido no canal de TV por assinatura ARTE1, do Grupo Bandeirantes.

Em um país que ainda é racista, e que cresceu por entre a sombra de crimes de caráter escravocrata, o trabalho dessas profissionais constrói-se na contramão das histórias que, por tanto tempo, foram difundidas. Levando em conta que o contexto sócio-histórico, as instituições, e as práticas sociais podem ser ferramentas importantes para repensar a situação e os problemas que alcançam a população negra (BERTH, 2020), a fotografia também se torna uma



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



alternativa prática para reconstruir e restituir posições que foram historicamente negadas à essa comunidade.

(...) nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição. (HOOKS, 2021, P. 36)

As histórias em questão, contadas por meio de imagens, são produzidas por mulheres negras que propõem contá-las a partir de uma ótica que alia diversidade e pertencimento, disparando no sentido contrário aos estereótipos e rompendo com periodicidade de histórias diferentes, mas que se repetem de maneira negligente e superficial, quando escritas por um mesmo olhar que as contam como se fossem as mesmas e únicas (ADICHIE, 2009).

Se fotografar também diz sobre atribuir importância (SONTAG, 2004), repensar a imagem difundida de pessoas que compõem minorias sociais é conferir-lhes importância e poder, além de colaborar para transformações sócio-culturais que surgem a partir disso, em menor ou maior escala. O trabalho dos fotógrafos também se estende à sombra do passado escravocrata brasileiro, quando as visitas ao estúdio do fotógrafo por muito tempo foram símbolo do poder e status de uma elite branca, enquanto a população preta era minoria nas representações de poder; e nas situações onde negros eram representados de maneira objetificada, e descritos como “propriedades” de seus senhores (KOUTSOUKOS, 2013).

Reformular essas fotografias e a forma como são feitas também é romper com o lugar-comum e construir um caminho de reflexão e empoderamento, ao ressignificar a forma como as imagens são produzidas, e a forma como chegam em pessoas brancas e não-brancas. Esse fortalecimento também será pautado pela representatividade, pois, à medida que as pessoas negras se veem de

maneira positiva nos espaços mais diversos, é que reconhecem e assimilam a possibilidade da própria imagem como positiva. (BERTH, 2020. p. 124).

O discurso também é instrumento de poder, prático e simbólico (BORDIEU, 1989); o que colabora para que o acesso a oportunidades, por parte de determinados grupos, seja diretamente proporcional à sua participação social nas diversas esferas. Também sendo válido o contrário, RIBEIRO (2020. p. 42) ilustra a relevância do ingresso de pessoas negras nesses espaços quando escreve que o direito a ser e estar presente ultrapassa os campos de poder e influência, porque diz sobre preservar a existência de comunidades inteiras: “A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”.

Figura 1 – “Caminhos do Sertão”



Fonte: Imagem de autoria de Amanda Oliveira, disponível em:
<<https://www.instagram.com/p/B5jNaFclEkg/>>.

Na foto “Caminhos do Sertão”, os retratos, impressos e emoldurados, são expostos pelas mãos de uma mulher negra do sertão da Bahia. A composição, feita pela fotógrafa Amanda Oliveira, fomenta a importância cultural das fotografias nas comunidades antigas e nas sociedades contemporâneas,



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



sugerindo a força da presença delas como memória histórica e afetiva, que compõe parte do que é ou foi uma família (SONTAG, 2004).

Observar essa cena em um país onde há menos de 200 anos pessoas negras eram escravizadas e representadas diante de uma câmera como se fossem parte das posses dos seus “senhores” (KOUTSOUKOS, 2013), e ver essas fotos sendo exibidas em outro contexto e com outros propósitos ajuda a reconstruir e fortalecer a história de um grupo social. A composição da cena sugere que elas são motivo de orgulho para quem as expõe, levando em conta, inclusive, que o registro de famílias e personagens negros é parte da contraposição de ideologias racistas, que por tanto tempo invalidaram a beleza da cultura afrobrasileira.

Isso eleva a relevância das histórias que, talvez, não ganhassem tanta atenção. Ou que poderiam receber, mas vulneráveis à possibilidade de serem desenvolvida a partir de uma interlocução menos profunda e mais estereotipada; sobretudo quando contadas por alguém que, diferente da repórter baiana, não compreenda a importância e a subjetividade presentes na cena, marcada por quem sobreviveu ao Brasil racista e às suas consequências, e que dá sequência ao saberes, à resistência, e à ancestralidade negra.

A figura seguinte é parte do ensaio "Ibeji Eró", onde Oliveira propõe novos olhares sobre as manifestações e expressões de crianças negras, divididos em 4 eixos e distribuídos em 25 fotos. A produção dessas imagens demonstra o alcance do trabalho da repórter, que ocupa espaços de ressignificação do que foi difundido ao longo dos anos, e desenvolve uma crescente de representatividade positiva. O que é especialmente importante ao refletirmos sobre o processo formativo de crianças negras e adolescentes, que podem crescer de maneira apartada das noções de identidade racial, pertencimento, como fruto de traços socioculturais que não trabalham em consonância com o fortalecimento da identidade negra.

Figura 2 – “Ibeji Eró”



Fonte: Imagem de autoria de Amanda Oliveira, disponível em: <<http://brasis.vc/oficio-brasis/osbrasis-convida/amanda-oliveira-em-ibeji-ero/>>.

Consideramos que Amanda Oliveira retoma a beleza das sutilezas sobre a cultura e as histórias afrobrasileiras, destoa das referências hegemônicas, permite repensar o fotojornalismo e fortalece a relação entre memória, representatividade e empoderamento.

Uma fotografia de fundo amarelo há exatos seis anos foi capaz de me atirar numa experiência de imersão poderosa (...) E tudo ali me dava a entender que aquela mulher tinha uma história semelhante à minha, uma vez que nos parecíamos de alguma forma (...) Se ela era linda, também éramos minha mãe e eu. (NASCIMENTO, 2021. p.15 e 16)

Por outro lado, a obra de Nayara Jinkns, apresenta uma extensa produção que caminha das *spot news*⁹ ao fotojornalismo documental, algumas

⁹ Sousa (2004. p. 90) define *spot news* como “fotografias “únicas” de acontecimentos “duros”(hard news), frequentemente imprevistos”. Conceito está associado ao flagrante no fotojornalismo factual.

vezes com imagens que marcam presença em mais de um gênero de fotografia ao mesmo tempo. A foto a seguir foi produzida na Marcha das Mulheres, realizada em 08 de março de 2020 na Avenida Paulista, em São Paulo (SP); e compôs parte da cobertura fotojornalística do *EveryDay Brasil*.

Figura 3 – “8 de março – Marcha das mulheres, Av. Paulista, 2020”



Fonte: Imagem de autoria de Nayara Jinkns, disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/B9fPzKBhw5y/>>.

A cena capturada destaca o sorriso de uma senhora, já idosa, segurando algo parecido com uma faixa - comum em manifestações e movimentos sociais. A representação de uma mulher negra em um ato público, como a idosa da foto na Marcha das Mulheres, aponta para um debate de muitas camadas, cujo ponto



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



de partida é a cor da pele. Mulheres não-brancas encontram-se em um lugar de vulnerabilidade, cujo peso histórico é ainda maior se compararmos com as de pele clara. As de pele negra foram sujeitas à conjunturas que seguiram desde os crimes de escravização ao racismo, em uma nação de pessoas pretas que eram livres na teoria, mas presas à necessidade de lidar com essa herança escravocrata.

Essas mesmas mulheres, enquanto vítimas de uma cultura racista, compartilham das opressões causadas por questões de gênero, que também são vividas por outras - mulheres que não possuem pele preta. A existência desse grupo, representado pela senhora que foi fotografada na Avenida Paulista, é necessariamente atravessada por essas duas violências, em maior ou menor escala; e, quando em situações de maior vulnerabilidade social, serão no mínimo três opressões diferentes: raça, classe, e gênero. Abaixo das pessoas brancas, do gênero masculino, e de quem faz parte de outras classes sociais, as mulheres negras e pobres compõem, então, a base da pirâmide social (RIBEIRO, 2018), atingidas por opressões que retroalimentam e fortalecem umas às outras, como comenta BERTH (2020. p. 103):

(...) não é possível hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes que as outras, e sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se relacionam e em que elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos.

Com um passado cercado de memórias cujos relatos sempre tiveram como narrador pessoas alheias à história, e um presente inundado de suposições, a vida das mulheres negras resiste aos estereótipos depois de sobreviver às pequenas e grandes violências diárias. A reivindicação de lugar, espaço, e fala é diária, e exige a ocupação de espaços diversos, como a fotografia. Nayara descentraliza as produções, foge do lugar comum de representar a personagem dentro de algum dos “padrões” usuais, e compõe uma imagem que sugere que, unidas à resistência da marcha de 8 de março estão à disposição de quem sempre precisou lutar, e a alegria por ter o direito de resistir.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



As mãos da mulher sobre a faixa possuem destaque na cena e, e protagonizam muitas imagens da autora.

Outra característica do trabalho de Nayara é a apresentação de uma estética dura e direta, apresentando de modo explícito cenas de violência, miséria e pobreza. Não com um olhar “externo”, de quem julga ou condena, mas de quem convive com essa realidade. A violência contra animais presos e mortos em mercados públicos surge como uma metáfora sobre a violência sofrida pelos homens e mulheres, que ali vivem e trabalham. O olhar de quem acompanha suas crônicas, contadas por meio de imagens, nunca é exaurido pela repetição de padrões porque, ao mesmo passo que desenvolve composições parecidas, Jinkss cria novos relatos sobre aquelas mãos, por exemplo - tantas vezes negras. Assumindo o poder de reinventar caminhos para a cultura afrobrasileira, de modo a adotar forte apelo estético e subjetivo, preservando e respeitando os sujeitos de cada obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nayara Jinkss e Amanda Oliveira são parte de uma resistência. Localizadas em um lugar de intercessão de opressões, são mulheres negras produzindo fotojornalismo nas periferias das regiões Norte e Nordeste do Brasil. E, para além disso, escrevendo histórias contra-hegemônicas, com luz, criatividade, sensibilidade e respeito. Mudando a notícia do lugar comum para atribuir-lhe maior importância e subjetividade, em maior ou menor grau, enquanto dão aos personagens das fotografias a liberdade de não estarem compondo documentos que dizem apenas mais do mesmo - e que muitas vezes é um “mesmo” raso, frágil, e irresponsável.

Percebemos, portanto, que a presença de mulheres negras no fotojornalismo cria a descontinuidade de ciclos de olhares únicos dentro da



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



fotografia, preenche os campos da representatividade positiva e reconfigura a representação de corpos negros e de outras minorias. Visto que o discurso por elas produzido é, também, sobre autodefinição (HOOKS, 2020). As obras das fotojornalistas permitem repensar imagens e estereótipos, ao mesmo passo que retroalimentam a popularização da construção de narrativas e a reformulação dos nomes tidos como referência dentro do fotojornalismo (MAMANA, 2020). Tornam-se, Amanda Oliveira e Nayara Jinkns, “referências” contra-hegemônicas que inspiram novos olhares e comprovam ser possível estabelecer e difundir outras representações sobre o povo negro que possam contribuir para a luta antirracista no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALCAIDE, Estela. **Fotoperiodismo 3.0**. Libros.com - 2017. Ebook.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The Danger of the Single Story**. 1ª ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BONI, Paulo César. et al. **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. 1ª ed. Londrina: Midiograf, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOROSKI, Márcia. **Fotojornalismo: técnicas e linguagens**. 1ª ed. Curitiba: InterSaberes, 2020.
- BITTONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem**. 1ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.
- DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- ELIAS, Érico. **Gêneros da fotografia: documental**. 1ª ed. São Paulo: Editora Europa, 2020.
- GALARD, Jean. **Beleza Exorbitante: Reflexões sobre o abuso estético**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.
- HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018.
- HOOKS, Bell. **Olhares Negros: raça e representação**. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio do fotógrafo**. 1ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



NASCIMENTO, Ana Cláudia. **Fotojornalismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora SESES, 2016.

NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

XAVIER, Giovana. **História Social da Beleza Negra**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.